

Estudo da microbiota de vulva e vagina de éguas

Dayane Kelly Gomes de Oliveira ARAÚJO¹, Egbely Maria Cordeiro dos SANTOS¹,
Karla Patrícia Chaves da SILVA¹, Maria Clara Carlos da SILVA¹, Sidney Rivaldo Martins
Cavalcante SÁTIRO¹

¹ Universidade Federal de Alagoas - UFAL
- Viçosa/AL - Brasil

A subfertilidade e a infertilidade de éguas na equinocultura promovem um notório e negativo impacto econômico. Uma das afecções mais relevantes é a endometrite, que se define como a inflamação do endométrio em resposta a uma agressão, geralmente causada por microrganismos, podendo, ainda, ser aguda ou crônica, infecciosa ou não infecciosa (ou também reconhecidas como endometrite bacteriana, fúngica, virótica, subclínica, clínica, pós-parto e pós-cobertura, entre outras. A genitália da égua tem uma microflora normal e microrganismos oportunistas que podem ser patogênicos em animais susceptíveis. Nas éguas sadias o útero é bem protegido de contaminação externa por barreiras físicas que consistem na vulva, vestíbulo, vagina e cérvix; qualquer falha nessas barreiras pode predispor a égua à infecção uterina. Objetivou-se estudar a microbiota da vulva e vagina de éguas em fase não reprodutiva. Estudou-se 20 éguas da raça Mangalarga Machador provenientes de propriedade localizada na Zona da Mata do Estado de Alagoas. As fêmeas se encontravam em bom estado nutricional, sem lesões características de vulvovaginite, fora do estro e não prenhe. Procedeu-se a colheita das amostras através da abertura da vagina e passagem de Swab (zaragatoa) na mucosa da vulva e vagina das fêmeas. Os swabs foram enviados sob refrigeração em caixas isotérmicas ao laboratório de Microbiologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As amostras foram inoculadas em placas de Petri contendo Ágar base Sangue de ovino (10%) e ágar Sabouraud. As placas de Petri foram incubadas a 37°C por até 72 horas, procedendo-se a leitura a cada 24 horas. As colônias bacterianas e fúngicas caracterizadas morfológicamente foram submetidas à técnica de coloração segundo Gram e visualizadas em microscopia óptica de imersão 100x. Em seguida as amostras foram classificadas de acordo com as características fenotípicas, segundo Koneman et al, 2001. Após as análises, observou-se uma média de 2,45 microrganismo por égua, destes 13,95% (6/49) foram fungos e 86,05% (43/49) bactérias. Os microrganismos isolados foram Staphylococcus sp 28,57% (14/49), Streptococcus sp 16,34% (8/49), Enterobacteriaceae 14,29% (7/49), Bacillus sp 12,24% (6/49), Candida sp 12,24% (6/49), Corynebacterium sp 10,20% (5/49) e Micrococcus sp 6,12% (3/49). As bactérias isoladas em vulva e vagina diferenciam em carga microbiana das causadoras de endometrite em éguas, onde as Enterobacteriaceae são as frequentemente isoladas dentre estas Escherichia coli (20,4%). Outras bactérias como Staphylococcus sp (3,1%), Corynebacterium sp (1,6%) e Bacillus sp (1,6%), são encontrados em menor frequência em endometrites. A microbiota de vulva e vagina de fêmeas equinas criadas em propriedades tipo haras, é constituída primordialmente por bactérias Gram-positivas seguida por Enterobacteriaceae e fungos, os quais tem a capacidade de causar distúrbios do sistema reprodutivo como vulvo-vaginite ou endometrite, na dependência de fatores condicionantes.

PALAVRAS - CHAVE

Infecção, sistema genital, éguas, microbiota.